



AMAZÔNIA: TERRITÓRIO, POPULAÇÃO E IMAGINÁRIO*

GUBERMAN, Mariluci da Cunha
Pesquisadora FAPERJ/ UFRJ

RESUMO: A selva amazônica, “natureza anfíbia”, banhada pelo rio Amazonas, é a mais importante e grandiosa das formações vegetais, sendo considerada floresta úmida ou tropical. Sua vegetação corresponde às regiões de clima com temperaturas altas e precipitações abundantes durante todo o ano. No verão, em algumas áreas, chove demasiadamente, conservando o subsolo sempre úmido. Essas altas temperaturas e a fartura de chuvas mantêm o processo de crescimento da vegetação sempre ativo, daí a altura das árvores e a diversidade de vegetais. Para o arqueólogo Marcos Pereira Magalhães (2002), surge uma nova hipótese de gênese dos grupos amazônicos, partindo-se do pressuposto de integração à floresta tropical, que demandou um longo período de adaptação ao meio ambiente na pré-história: inicialmente a fase de satisfação das necessidades; posteriormente, o sucesso na adaptação à floresta úmida e a recriação de “práticas e costumes” próprios para a sobrevivência na Amazônia

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; Território; Imaginário.

RESUMEN: La selva amazónica, “naturaleza anfíbia”, bañada por el río Amazonas, es la más importante y grandiosa de las formaciones vegetales, siendo considerada floresta húmeda o tropical. Su vegetación corresponde a las regiones de clima con temperaturas altas y precipitaciones abundantes durante todo el año. En el verano, en algunas áreas, llueve demasiado, conservando el subsuelo siempre húmedo. Las altas temperaturas y la lluvia abundante mantienen el proceso de crecimiento de la vegetación siempre activo, lo que resulta en árboles muy altos y en una gran diversidad de vegetales. Para el arqueólogo Marcos Pereira Magalhães (2002), surge una nueva hipótesis de génesis de los grupos amazónicos, a partir de la integración a la floresta tropical, que demandó un largo período de adaptación al medio ambiente en la prehistoria: inicialmente la fase de satisfacción de las necesidades; posteriormente, el suceso en la adaptación a la floresta húmeda y la recreación de “práticas y costumbres” propias para la sobrevivencia en la Amazonia.

PALABRAS CLAVE: Amazonía; Territorio; Imaginario.

Da altura extrema da cordilheira, onde as neves são eternas, a água se desprende e

*traça um risco trêmulo na pele antiga da pedra: o Amazonas acaba de nascer. A cada instante ele nasce. Descende devagar, sinuosa luz, para crescer no chão. Varando verdes, inventa o seu caminho e se acrescenta.*¹

Thiago de Mello (2005: 15)

TERRITÓRIO E POPULAÇÃO

O rio Amazonas e seus afluentes banham a maior biodiversidade do planeta (flora, fauna, rios, lagos...), a Amazônia, incluindo a região do pantanal mato-grossense. Grande parte da extensão do rio Amazonas está no Brasil, onde chega a mais de 50 quilômetros de largura. Ele nasce nos Andes peruanos, mais precisamente no *Nevalo de Mismi*, a 5.597 metros, e cresce e amadurece em terras brasileiras. No Peru recebe vários nomes, como Hornillo, Monigote, Apurimac, Ucayali (que se junta ao Marañón) e Amazonas; no Brasil, entra como Rio Solimões, onde está situada a cidade de Tabatinga². Ao receber as águas do rio Negro³, passa a ser denominado Rio Amazonas. O Amazonas, em seu percurso de 6.762 quilômetros, carrega mais de 7.000 afluentes⁴ e deságua no Oceano Atlântico, rodeado pela floresta amazônica e formando um delta entre os estados do Pará e Amapá. Dentre as principais ilhas formadoras do Delta do Amazonas, destaca-se a ilha de Marajó, a maior ilha costeira fluvial e marítima do mundo (40.000 km²).

A selva amazônica, "natureza anfíbia"⁵, banhada pelo rio Amazonas, é a mais importante e grandiosa das formações vegetais, sendo considerada floresta úmida ou tropical. Sua vegetação corresponde às regiões de clima com temperaturas altas e precipitações abundantes durante todo o ano. No verão, em algumas áreas, chove demasiadamente, conservando o subsolo sempre úmido. Essas altas temperaturas e a fartura de chuvas mantêm o processo de crescimento da vegetação sempre ativo, daí a altura das árvores e a diversidade de vegetais. O Bioma Amazônico brasileiro ocupa propriamente a metade do país (49,29%), cobrindo os seguintes estados: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Roraima, Rondônia e parte de Mato Grosso, Maranhão e Tocantins.

As chuvas periódicas não só influenciam a vegetação da região amazônica mas também os rios e os lagos desse território, os quais sobem consideravelmente seus níveis nas estações chuvosas, causando problemas às populações ribeirinhas, que precisam subir os pisos de suas casas para não serem atacadas pelos animais e, muitas das vezes, precisam ser removidas para lugares mais altos. A intensa precipitação de chuvas também dificulta a navegação na bacia do Amazonas, embora, a partir da

segunda metade do século XIX, foi introduzida nessa região a navegação a vapor, permitindo a ampliação e intensificação das relações comerciais de produtos da Amazônia.

Apesar de a Amazônia ter sido caracterizada como “natureza anfíbia”, essa região não é homogênea, apresenta-se com uma diversidade de flora, fauna, relevo e clima. Esta diversidade inclui: florestas de terra firme, floresta amazônica de altitude, florestas inundadas (igapó e várzea), florestas de transição, campinaranas ou caatingas, bunitizais, savanas e manguezais. Estes últimos se situam nas regiões alagadas do litoral amazônico e ocupam 7.500 km de extensão, de Belém até São Luís. O mangue e sua vegetação de pântano forma significativos bosques impenetráveis, sendo um viveiro natural de animais, peixes e crustáceos.

Deve-se também ressaltar o Lavrado ⁶, região das savanas de Roraima com fauna e flora próprias, conforme Ciro Campos de Souza *et al.* (2008): “um ecossistema único, sem correspondente em outra parte do Brasil, com elevada importância para a conservação da biodiversidade e dos recursos hídricos”.

Na parte oriental de Roraima, conforme Nelson Joaquim Reis *et al.* (2009), afloram granitos com idade aproximada de 2 bilhões de anos, que estão reunidos na *Suíte Pedra Pintada*, imponente formação geológica que contrasta com a savana ao redor. A abundância de inscrições rupestres ⁷ existentes em sua superfície deu origem à denominação de “pedra pintada”. Essas inscrições constam de pinturas e gravuras, que apresentam linhas retas e curvas, desenhos quadrangulares, retangulares, circulares e ovais, além de formas, como o losango e o pentágono. Os componentes dessas inscrições são: animais, aves, artefatos e o homem em diversas situações do cotidiano, que aguçaram o interesse de pesquisadores. Que grupos habitaram essa região?

A bacia amazônica foi ocupada por grupos de caçadores e coletores há 12.000 anos. Conforme as teorias sobre a Cultura de Floresta Tropical, baseadas nas formas e nas decorações das cerâmicas policrômicas, zoomorfas e antropomorfas do baixo Amazonas, as civilizações de Santarém (8000 a.C.), Marajó (1350 a 1450 d.C.) e Tapajós (1000 a 1500 a.C.) provinham, principalmente, de grupos originários do alto Amazonas, como o Ucayali e o Napo. Esses grupos, depois de um significativo período de esplendor não conseguiram se adaptar e criar novas formas de sobrevivência, sendo então extintos ou aculturados por outros grupos. Entretanto, pesquisadores brasileiros e americanos, coordenados pelo arqueólogo Michael Heckenberger, defendem a existência de sociedades complexas durante a pré-história amazônica. Para Heckenberger (2003: 3), os amazônidas estavam envolvidos nos mesmos tipos de inovação cultural humana como no resto do mundo: “não era um império inca ou romano, mas havia muitas sociedades da época, mesmo na Europa,

que não eram tão complexas quanto [a dos amazônidas]”.

Além das civilizações de Santarém, Marajó e Tapajós, podem-se incluir populações bem antigas, como as da região do Alto Xingu (região Central do Brasil e Amazônia). Para Heckenberger (2001), provavelmente entre 1400 e 1600 da nossa era, uma população se estabeleceu no Alto Xingu, “deixando entrever por certos vestígios, tais como uma cerâmica característica e aldeias circulares, que se tratava de ancestrais dos atuais Aruak xinguanos, que teriam migrado a partir do ocidente”. Essa população ergueu “grandes aldeias fortificadas”, cercadas por valetas escavadas de até 3 metros de profundidade, aterros nas margens e caminhos que pareciam estradas.

As sociedades do Alto Xingu, de acordo com Heckenberger (2013: 11), se distinguem dos povos vizinhos por uma série de traços culturais destacados: “grandes aldeias anulares [...] interligadas por caminhos”; “economias de agricultura intensiva” (fixa), pesca; “integração sociopolítica regional [...] (comércio, casamento, visitação e cerimonialismo intertribal)”; “ideologias [...] não predatórias e estratégias militares defensivas”; “hierarquia social interna e ascensão hereditária à chefia”.

Para o arqueólogo Marcos Pereira Magalhães (2002), surge uma nova hipótese de gênese dos grupos amazônicos, partindo-se do pressuposto de integração à floresta tropical, que demandou um longo período de adaptação ao meio ambiente na pré-história: inicialmente a fase de satisfação das necessidades; posteriormente, o sucesso na adaptação à floresta úmida e a recriação de “práticas e costumes” próprios para a sobrevivência na Amazônia: “O homem teria passado a co-evoluir com essa floresta. [...] as sociedades [...] teriam florescido em interações geopolíticas, sociais e étnicas que se destacam pela originalidade, inventividade e êxito”.

Os grupos pré-históricos da Amazônia brasileira, de acordo com a pesquisadora Gabriela Martin (2005: 72), habitavam dois ecossistemas diferenciados: *várzea e terra firme*.

A várzea corresponde às planícies inundáveis pelos rios que nascem nos Andes e que são ricos em nutrientes; já na terra firme predominam solos pobres e rios com pouco nutrientes, conhecidos na região como “rios da fome”, provenientes da Guiana e do Brasil, dos quais o mais significativo é o rio Negro.

A região entre a Cordilheira dos Andes e a bacia Amazônica foi considerada, durante muito tempo, por vários estudiosos como uma franja desabitada. Entretanto, nesse lugar se estabeleceu uma das culturas mais misteriosas do antigo Peru. Os incas chamavam a esse povo *chachapoya*, que significa “os habitantes da selva das nuvens”. Eles eram altos, de pele mais clara que os demais povos peruanos, e viviam em

assentamentos localizados estrategicamente em colinas ou montanhas, onde se encontra a muralha ou fortaleza de Kuelap com 30 metros de altura e 600 de comprimento, às margens do rio Utcubamba, afluente do Marañón. Sua origem é desconhecida; já no século IX, muito antes dos incas se assentarem nesta região ao nordeste do Peru, os *chachapoyas* criaram vários territórios politicamente independentes, mas unidos por religião e cultura comuns.

A região dos *chachapoyas* passa a ser conhecida pelos europeus quando, em 1538, o Capitão espanhol Alonso de Alvarado funda a primeira cidade espanhola no oriente, a qual passou a se chamar *San Juan de la Frontera de los Chachapoyas*. Deste lugar partiram expedições que descobriram o percurso do rio Amazonas e alcançaram o oceano Atlântico. Essa cidade, ainda no período colonial, possuía uma catedral, igrejas menores, quatro conventos, quartéis militares e alguns hospitais, o que revela a importância de *San Juan de la Frontera de los Chachapoyas* em relação à conquista da selva e ao conhecimento mais detalhado do rio Amazonas e seus afluentes.

O IMAGINÁRIO

Para se compreender o imaginário amazônico, são básicos dois mitos (o das Amazonas e o do Eldorado), visto que a motivação para as expedições dirigidas à América (séculos XVI e XVII) partia desses mitos.

As Amazonas, veracidade ou mito? De acordo com o poeta amazonense Thiago de Mello (2005: 21),

As crianças, os homens e as mulheres que hoje habitam este mágico pedaço do grande rio nunca leram os cronistas dos seus primeiros navegadores. Mas todos aqueles com quem conversamos nos transmitem, inabalável, límpida, a certeza de que aqui viveram, aqui lutaram, aqui amaram as índias Amazonas.

As motivações dos conquistadores e suas comitivas foram várias (aventura, riqueza...) porém, o imaginário foi o elemento impulsionador das expedições. De acordo com Sérgio Buarque de Holanda (2010: 77), “a mesma fantasia de onde vieram tantas histórias das amazonas americanas, [...], chegou a sugerir uma das celebradas obsessões dos soldados da conquista”. Tratam-se dos “homens com um olho na frente e outro no vértice ou na nuca, centauros, faunos, sátiros, pigmeus, gigantes, ciclopes, [...], Ave Fênix”, até as amazonas e o mito do Eldorado.

Em 1493 Cristóvão Colombo se torna porta voz de uma notícia, que lhe foi narrada pelos índios: a existência de uma ilha povoada somente por mulheres. Embora o mito das Amazonas⁸ remonte à época clássica, ele ficou muito popular no

Novo Mundo chegando ao ponto de se converter em símbolo da América.

A Coroa espanhola, em 1498, ao permitir que particulares realizassem viagens de descobrimento, possibilitou a Vicente Yáñez Pinzón (1462-1514), que já tinha navegado ao Novo Mundo, em 1492, com Colombo, que saísse, em 1499, no comando de quatro caravelas rumo às costas da América do Sul. Em 1500, Vicente Yáñez Pinzón passou pela desembocadura do rio Amazonas⁹, à qual denominou de “*mar Dulce*”, sendo o primeiro navegante a registrar a foz desse rio. O relato desta viagem aparece em várias crônicas, entretanto, deve-se destacar as *Décadas del Nuevo Mundo*, escritas pelo italiano Pedro Mártir de Angleria em 1501.

O rio Amazonas, após a Conquista, foi explorado pelo navegador espanhol Francisco de Orellana (1511-1546). Os caminhos, os povoados, a descrição do novo, como táticas de guerra, rituais, costumes e utensílios, além dos incidentes ocorridos durante a expedição de Orellana, foram escritos por frei Gaspar de Carvajal (± 1504-1584) em *Relación del Nuevo Descubrimiento del famoso Río Grande de las Amazonas* (1592).

Em 1541, a expedição de Orellana parte de Quito para o País da Canela com 23 homens, dispendo-se a atravessar os Andes equatorianos. Seguem pelo rio Coca até a desembocadura no rio Napo, mais largo e caudaloso. Avançam pelo Napo, quase sem comida, e descem por turbulentas águas. Depois de se deixarem levar pela correnteza por alguns dias, escutaram, em 1542, ruído de tambores e logo viram quatro canoas de índios. Os nativos saltam e vêm ao encontro de Orellana. Este estabelece relações cordiais com os índios, os quais providenciam víveres para o navegador espanhol, que ouve falar das amazonas: “Foi aqui que ouvimos falar das amazonas...” (Carvajal, 1992: 41). Ao seguir viagem se depara com outro rio, conforme Carvajal (1992: 69): “vimos a boca de outro grande rio que entrava pelo que navegávamos, pela margem esquerda, cuja água era negra como tinta e, por isso, o denominamos rio Negro”.

Orellana e sua comitiva veem surgir, finalmente, as amazonas, descritas por Gaspar de Carvajal (1992: 79) com a expressão afirmativa “nós as vimos”, o que imprime veracidade ao fato histórico. Entretanto, a veracidade da existência das amazonas, no entender de Sérgio Buarque de Holanda (2010: 65), justifica-se porque “era inevitável que a geografia fabulosa da Antiguidade e da Idade Média se desdobrasse em novos reinos de assombrosa maravilha”. Mas é com Francisco de Orellana, por meio do livro de frei Gaspar de Carvajal, que o mito das amazonas se difunde consideravelmente. Após a viagem de Orellana, o rio Amazonas passa a ser denominado como “Marañón”, “de Orellana” e, finalmente, “das Amazonas”.

Orellana retoma sua viagem e segue o curso do rio Negro até entrar no rio

Amazonas em 1542. Frei Gaspar de Carvajal (1992: 79-81) registrou a presença das lendárias índias guerreiras, as amazonas, que deram nome ao rio:

Quero que saibam a razão porque os índios lutavam dessa maneira. Acontece que eles são súditos e tributários das amazonas e sabendo de nossa vinda, pediram socorro a elas que mandaram de dez a doze, pois nós as vimos. Elas estavam lutando como líderes na frente dos índios e lutavam tão decididamente que os índios não ousavam nos dar as costas, pois aqueles que fugissem de nós elas matavam a pauladas [...]. Estas mulheres são muito brancas e altas e têm longos cabelos trançados e enrolados na cabeça, são musculosas e andam nuas em pêlo, cobrindo sua vergonha com os arcos e as flechas nas mãos lutando como dez índios. Na verdade uma dessas mulheres meteu um palmo de flecha num dos barcos e outra um pouco menos, ficando nossos barcos parecendo porco-espinho.

Ainda hoje, no século XXI, se ouve falar das índias guerreiras, as Amazonas. O escritor Thiago de Mello (2005: 22), em conversa com nativos de Nhamundá¹⁰, no lugar onde as índias gostavam de se banhar, pergunta a um caboclo: “Desde quando tu ouviste falar nas Amazonas?”. A que o caboclo responde: “Desde que sou gente. Eu digo que a gente já nasceu sabendo delas, das Icamiabas, que é o nome delas mesmo” (Mello, 2005: 22). O caboclo ainda narra a ida das amazonas, uma vez por ano, para o Pará, de onde traziam os índios só para satisfazer o desejo delas. E quando voltavam ainda traziam presentes, os chamados *muiraquitãs*¹¹, encontrados na região.

Como surge a suspeita do Eldorado? Em 1532, o capitão Sebastián de Benalcázar (1490-1551) viaja ao Peru. Sob as ordens de Francisco Pizarro, Benalcázar participa da tomada de Cajamarca (1532). Depois se dirige ao reino de Quito e funda San Francisco de Quito (1534); ao descer a cordilheira dos Andes em direção a San Miguel de Piura (Peru), funda Guayaquil (1535) (Equador); logo, Cali (1536) e Popayán (1537), ambas na Colômbia. Em San Miguel de Piura, Benalcázar é informado por um índio sobre a história do Eldorado¹², lenda dos chibchas ou muíscas¹³ e, ao retornar a Quito, prepara uma expedição (1538), que cruza a cordilheira andina em busca do mito do ouro.

Em 1560, Pedro de Orsua (ou Ursúa), nomeado Governador de Omagua, parte em busca do Eldorado, com uma expedição, composta de soldados, índios e escravos negros. Descem o rio Huallaga, penetram no Marañón e entram no rio Amazonas. Com algumas perdas, continuam a navegação e, depois de dez dias, chegam a um povoado conhecido como “Machifaro” ou “Machaparo”, onde permanecem, conforme esclarece frei Pedro de Aguado¹⁴, que além de suas atividades

missionárias, escreveu *Historia de Venezuela* (1919: 285). Inicialmente os integrantes da expedição se comportaram bem, mas logo se embriagaram com a “chicha” (bebida de milho dos nativos) e provocaram desordem e descontentamento, inclusive houve escassez de comida.

A insatisfação geral foi aproveitada por insubordinados da expedição, que tramaram a morte de Pedro de Orsua. Don Hernando de Guzmán, alferes geral da expedição de Orsua, vencido pela cobiça e ambição de mandar, aceitou fazer o que lhe pediam os insubordinados, liderados por Lope de Aguirre e Lorenzo Salduendo, que exigiam a morte imediata de Pedro de Orsua e seu tenente, mas foi Hernando de Guzmán quem confirmou a sentença de morte contra Orsua. No dia seguinte, conforme Pedro de Aguado (1919: 299-300): “[...] [os traidores] entraram na casa do governador [...] e o feriram, de sorte que ali caiu imediatamente morto, [...]]; e feito isso, saíram todos para fora da choupana e gritou um deles: liberdade, liberdade, viva o Rei, morto está o tirano”.

A expedição de Pedro de Orsua também foi registrada por Lope de Aguirre em sua *Carta ao rei Felipe II*, publicada pelo Arquivo das Índias:

No ano de mil quinhentos e cinquenta e nove o marquês de Cañete deu a jornada das Amazonas a PEDRO DE ORSÚA, navarro e, melhor dito, francês. Demorou a fazer navios até o ano de mil quinhentos e sessenta na província dos Motilones, no Peru, os índios são assim chamados porque andam raspados à navalha. [TN]

Esta carta se inicia com uma breve autobiografia de Lope de Aguirre:

Rei Felipe, natural espanhol, filho de Carlos invencível.

Lope de Aguirre, teu menor vassalo, cristão velho, filho de pais medianos, em minha prosperidade, fidalgo, natural vascongado, nos reinos da Espanha, vizinho da vila de Oñate.

Em minha juventude passei ao mar oceano pelas partes do Peru por valer mais e para cumprir com a dívida que deve todo homem de bem. Com a lança na mão, em vinte e quatro anos te prestei muitos serviços no Peru, com conquistas de índios e em civilizar povos a teu serviço, especialmente em batalhas e reencontros em que bailei por tua real Coroa e nome conforme minhas forças e possibilidade, sem importunar a teus oficiais nem por pagamento nem por socorro, como parecerá por teus reais livros. [TN]

A carta é também uma crítica veemente aos governantes das Colônias espanholas: “Foi este mau governador tão perverso e ambicioso e miserável que não lhe quisemos fazer sofrer e assim por ser impossível relatar suas maldades e por tê-lo,

por minha parte, excelente Rei senhor, não direi mais que LHE MATAMOS, morte certa e bem breve [...]”. [TN]. Mas a crítica não só se limita aos governantes dos Reinos das Índias, mas também ao Rei Felipe II da Espanha:

Acredito fielmente, excelentíssimo senhor, ainda que para mim e para meus companheiros nos tenhas sido cruel e ingrato, que por tantos bons serviços que recebestes de nós, terás confiança no que eu disser, ainda que também acredito que te devam enganar os que te escrevem destas terras, como estás tão longe delas.
[TN]

Lope de Aguirre, além da crítica, ataca abusivamente a soberania de Felipe II, denunciando ao Rei as vicissitudes dos Reinos das Índias: “Aviso-te, rei espanhol, que estes teus Reinos das Índias têm necessidade de toda justiça e lisura para tão bons vassalos como nestas terras tens, ainda que eu, por não poder sofrer mais as crueldades que usam teus ouvidores, vice-rei e governadores...” [TN]

Esse personagem histórico, mais conhecido como *El Loco*, vem sendo analisado criticamente na literatura latino-americana, desde o século XX; como por exemplo, nas seguintes obras: *El camino de El Dorado* (1947), do venezuelano Arturo Uslar Pietri (1906-2006); *Lope de Aguirre, príncipe de la libertad* (1975), do venezuelano Miguel Otero Silva (1908-1985); *Galvez Imperador do Acre* (1976), do brasileiro Márcio Souza (1946); *Daimón* (1978), do argentino Abel Posse (1934) e, ainda, a trilogia amazônica, *Ursúa* (2005), *El País de la Canela* (2008) e *La serpiente sin ojos* (2012), do colombiano William Ospina (1954). São romances históricos, e alguns são considerados como o novo romance histórico. Em realidade são interpretações que ratificam as crueldades de Lope de Aguirre ou que desmitificam a figura do tirano.

NOTAS

* Este estudo foi apresentado oralmente por Mariluci Guberman no simpósio A AMAZÔNIA COMO CONTRUÇÃO DISCURSIVA, coordenado pela Profa. Dra. Ximena Díaz Merino e realizado na UNIOESTE, Campus de Cascavel, em 18/03/2014.

¹ Epígrafe extraída da obra do poeta amazonense Thiago de Mello (2005).

² As cidades de Tabatinga (Brasil), Santa Rosa (Peru) e Leticia (Colômbia) formam a Tríplice fronteira da Amazônia.

³ O **Rio Negro** nasce na Colômbia e tem a maior parte de seu percurso em território brasileiro.

⁴ Dentre os afluentes do Amazonas, destacam-se os seguintes rios: Javari, Juruá, Purus, Madeira, Tapajós, Xingu, Araguaia, Tocantins, Negro, Trombetas, Jarí...

⁵ O termo “natureza anfíbia” foi empregado por Euclides da Cunha em *À margem da História* (2006) p. 45.

- ⁶ “O Lavrado é dominado por áreas abertas, mas é importante ressaltar que também apresenta ambientes florestais. Os ambientes não-florestais são as savanas verdadeiras, cobrindo cerca de 70% da região, e agrupando todos os sistemas não-florestais”. In: SOUZA *et al.* (2008).
- ⁷ As inscrições rupestres do sítio da Pedra Pintada foram divulgadas pela primeira vez pelo pesquisador francês Marcel F. Homet, cuja publicação *Os Filhos do Sol* foi originalmente editada em alemão em 1958. In: REIS *et al.* (2009).
- ⁸ As Amazonas, conforme a mitologia grega, eram mulheres que lutavam sobre cavalos e viviam além dos limites da Ásia menor. Eram lideradas por sua rainha, Hipólita, filha de Ares (Marte) e Otreras, mantinha em seu poder um cinturão, dado por seu pai, que era insígnia real e símbolo de poder. Ao perder a batalha com Hércules, Hipólita morreu e perdeu também seu cinturão. In: KOKKINOU (1989) pp. 84-85.
- ⁹ Em relação ao nome do rio Amazonas, conforme Thiago de Mello, “Foram muitos os seus nomes:/ Mar Dulce,/ o rio de Orellana,/ Marañon,/ o Guieni dos índios aruaques,/ o Paranaatinga,/ o Parauçu dos tupis,/ San Francisco de Quito,/ el río de las Amazonas,/ o Grande rio das Amazonas”. In: MELLO (2005) p. 19.
- ¹⁰ Nhamundá, rio que separa os Estados do Amazonas e do Pará. Atualmente, Nhamundá é uma pequena cidade.
- ¹¹ O *muirakitã* (do tupi *mbiraki'tã*, “nó das árvores”) é uma pedra esverdeada (às vezes jade), esculpida em forma de sapo e usada pelas índias tapajós como amuleto para impedir a infertilidade e prevenir doenças. Na literatura brasileira, é o amuleto do herói que dá nome à obra de Mario de Andrade, *Macunaíma*.
- ¹² A expedição de Sebastián de Benalcázar foi registrada em *El carnero*: A lenda do Eldorado conta que ao morrer um governante do povo muísca, iniciava-se um processo de sucessão. O novo líder escolhido passava por um longo processo de iniciação. Durante a cerimônia, o novo líder, em cima de uma jangada, entrava em um lago sagrado, possivelmente, o Guatavita, na Colômbia. O líder, despido e coberto com pó de ouro, entrava no lago para oferecer aos deuses oferendas de ouro, esmeraldas e outras riquezas. In: RODRÍGUEZ FREYLE (1982) pp. 64-66.
- ¹³ Os chibchas ou muíscas são índios que habitaram a atual Colômbia desde o século VI a. C., cujos descendentes diretos habitam, ainda hoje, municípios vizinhos a Bogotá. A língua desse povo é o chibcha.
- ¹⁴ Frei Pedro de Aguado (1538-1609) recusou-se a inserir a *Carta ao rei Felipe II*, de Lope de Aguirre.

REFERÊNCIAS

AGUADO, Fray Pedro de. *Historia de Venezuela*. Tomo II. Prólogo, notas y apéndices de Jerónimo Bécker. Madrid: Real Academia de Historia, 1919.

AGUIRRE, Lope de. *Carta al rey Felipe II*. Sevilla: Archivo de Indias [Coleção de Documentos Inéditos]

CARVAJAL, Fray Gaspar de. *Relación del Nuevo Descubrimiento del famoso Río Grande de las Amazonas. Relatório do Novo Descubrimiento do famoso Río Grande escrito pelo capitão Francisco*

de Orellana. In: GIUCCI, Guilherme. *Frei Gaspar de Carvajal*. Edição bilingüe. Trad. Adja Balbino Barbieri Durão e Maria Saete Cicaroni. São Paulo: Scritta; Brasília: Consejería de Educación de la Embajada de España, 1992.

CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. 5ª ed. Porto: Livraria Lello & Irmão, 1941.

HECKENBERGER, Michael. "Estrutura, História e Transformação: a Cultura Xinguana na *Longue-Durée*, 1000-2000 d.C.". Trad. Ana Paula Ratto de Lima. In: <http://leiaufsc.files.wordpress.com/2013/03/6-2-heckenberger-m-estrutura-histc3b3ria-e-transformac3a7c3a3o-a-cultura-xinguana-no-longue-duree-1000-2000-d-c.pdf>

_____. *Estrutura, história e transformação: a cultura Xinguana na longue durée, 1000-2000 d.c.* In: FRANCHETTO, Bruna; HECKENBERGER, Michael (Orgs.). *Os povos do Alto xingu: história e cultura*. RJ: Editora UFRJ, 2001, pp. 21-62.

HECKENBERGER, Michael; FRANCHETTO, Bruna; FAUSTO, Carlos; KUIKURO, Afukaka; KUIKURO, Urissapa Tabata; RUSSELL, J. Christian & SCHMIDT, Morgan. "Amazonia 1492: Pristine Forest or Cultural Parklands?". *Science* 301, September 2003, nº 5.640, pp. 1710-1714.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. SP: Companhia das Letras, 2010.

KOKKINO, Sofia. *Mitologia grega*. Trad. Graciela Feller. Atenas: Intercarta, 1989.

MAGALHÃES, Marcos Pereira. "Nova teoria da pré-história amazônica valoriza culturas ancestrais". *Portal de divulgação científica e tecnológica*. Ministério da Ciência e Tecnologia, IBICT, 01/12/2002. In: <http://www.canalciencia.ibict.br/pesquisa/0006>

MARTIN, Gabriela. "De nômades a sedentários na floresta tropical". *Antes. História da pré-história*. Catálogo da exposição *Antes*. RJ: Centro Cultural Banco do Brasil, 2005, pp.70-77.

MELLO, Thiago de. *Amazonas, pátria da água*. 3ª ed. RJ: Bertrand Brasil, 2005.

REIS, Nelson Joaquim; SCHOBENHAUS, Carlos; COSTA, Fernando. "Pedra Pintada, RR: Ícone do Lago Parime". In: Winge, M. (Ed.) et al. 2009. *Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil*. Brasília: CPRM, 2009. v. 2. 515 p. il. color.

RODRÍGUEZ FREYLE, Juan. *El Carnero*. Medellín (Colombia): Bedout, 1982.

SOUZA, Ciro Campos de; PINTO, Flavia; BARBOSA, Reinaldo Imbrozio. *O Lavrado de Roraima: importância biológica, desenvolvimento e conservação na maior savana do bioma Amazônia*. Roraima: Núcleo de Pesquisas de Roraima, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA Roraima), 2008. In: http://agroeco.inpa.gov.br/reinaldo/RIBarbosa_ProdCient_Usu_Visitantes/2008Diagnostico_LAVRADO_MMA.pdf